

Os estudantes de tecnologia e suas escolhas: um estudo de maturidade vocacional

Vilma Fernandes Capela Cordas
Programa de Mestrado do Centro Paula Souza – São Paulo – Brasil
vfccordas@terra.com.br

Helena Gemignani Peterossi
Programa de Mestrado do Centro Paula Souza – São Paulo – Brasil
hgemig@terra.com.br

Resumo – Este artigo sintetiza pesquisa realizada em torno da associação dos temas da maturidade vocacional e da formação tecnológica. A metodologia usada foi a da pesquisa qualitativa, com a finalidade de obter elementos que permitissem perceber como são feitas as escolhas profissionais pelos futuros tecnólogos. Os resultados foram analisados segundo quatro tópicos: as implicações das diferenças sexuais, as implicações da idade, os diferentes níveis de encaminhamento vocacional e o autoconceito.

Palavras-chave: Maturidade Vocacional, Formação Tecnológica, Profissão, Carreira.

Abstract – This article summarizes a research performed around the themes of the association of vocational maturity and technological formation. The methodology used was qualitative research, in order to obtain elements that allow to see how career choices are made for future technologists. The results were analyzed according to four topics: the implications of sexual differences, the implications of age, the different levels of vocational referral and self-concept.

Keywords: Vocational Maturity, Technological Formation, Occupation, Career.

Introdução

O presente artigo apresenta um resumo de pesquisa realizada no Programa de Mestrado em Tecnologia: Gestão, Desenvolvimento e Formação do Centro Paula Souza, dentro da linha de Gestão e Desenvolvimento da Formação Tecnológica [1]. Os grandes temas da pesquisa são a maturidade vocacional, conceito inserido por Super [2], e a formação tecnológica. A explanação a seguir parte das seguintes reflexões, que emergiram da pesquisa bibliográfica:

1) diferentes conceitos de vocação apontam um caminho que o homem precisa percorrer, não condicionado pela herança genética ou pelo determinismo do meio ambiente, e sim como processo de trabalho e amadurecimento;

2) pensar em vocação, dessa forma, significa pensar num trabalho de amadurecimento a partir de uma valorização da experiência e da interação do sujeito com o meio ambiente;

3) conforme se dá esse amadurecimento da pessoa, ela passa a conhecer-se mais, e com isso a identificar seus traços de personalidade, que serão

expressos na profissão escolhida;

4) todo o processo de escolha então, girará em torno da formação do autoconceito, que é de suma relevância na construção da carreira, já que a partir do seu amadurecimento a pessoa se adapta, busca caminhos e se compromete com a profissão;

5) a vocação, então, caracteriza-se como um processo de descoberta de si, do ser único e irrepetível que cada pessoa é, um ser em busca de sentido e que procura na profissão a possibilidade de alcançar a realização.

Metodologia

A pesquisa foi de caráter qualitativo e buscou entender como é feita a escolha da profissão pelo futuro tecnólogo. A opção por uma abordagem qualitativa se faz por favorecer uma análise mais rica dos discursos dos sujeitos da pesquisa.

Os principais teóricos abordados, para o tema da vocação, foram Super [2, 3], Holland [4], Erikson [5] e Frankl [6, 7]. Para a caracterização do tecnólogo, foram analisados alguns documentos institucionais e peças legislativas, além de estudos que propiciaram um breve histórico sobre a formação tecnológica no Brasil, uma série de visões da profissão apontadas por diferentes pesquisas empíricas, a situação desse tipo de profissional no mercado de trabalho e, por fim, especificações e generalizações para a elaboração do perfil do tecnólogo.

A pesquisa foi realizada com 329 alunos de cinco diferentes cursos de tecnologia. Sete turmas pertenciam a três unidades de uma instituição pública; quatro turmas, a duas instituições particulares. Os cursos encontrados na pesquisa foram: Logística e Transportes, com 191 estudantes; Tecnologia em Redes de Computadores, 44; Análise de Sistemas e Tecnologia da Informática, 41; Secretariado, 38; Tecnologia em Gestão Ambiental, 15.

Os dados foram coletados mediante questionário de perguntas abertas e aplicados em sala de aula, com a concordância e a colaboração dos professores e estudantes.

A primeira versão do questionário, utilizada como pré-teste, ao qual foram submetidos 76 estudantes, não contava com as questões a respeito do sexo, da faixa etária, da atuação profissional e da formação anterior, inseridas posteriormente. O questionário final foi composto das seguintes perguntas: a) Trabalha na área? Se sim, há quanto tempo e em que tipo de trabalho? b) Já fez outro curso superior ou técnico? Se sim, qual? c) Que motivos o levaram a escolher este curso? d) Que tipo de satisfação espera obter desta profissão?

Resultados

A primeira questão, relativa ao sexo, foi dirigida a 253 sujeitos e obteve 251 respostas. Houve predomínio do sexo masculino, com 59,8% (150), para 40,2% do sexo feminino (101).

A segunda questão, que trata da faixa etária, obteve 252 respostas, dos 253 sujeitos questionados. Os sujeitos da pesquisa assim se distribuem nas três faixas etárias predeterminadas: 60,3% (152) entre 17 e 25 anos; 29,8% (75) entre 26 a 35 anos; 9,9% (25) acima de 36 anos.

Esse resultado, indicando que a maioria dos sujeitos da pesquisa se encontra na faixa etária entre 17 e 25 anos, mostra que a procura por esses cursos de tecnologia se dá principalmente numa idade caracterizada como a dos adultos jovens [cf. 5], ainda inseridos no que Super denomina *estágio de exploração* [2]. Nesse estágio da vida vocacional, a pessoa possivelmente está vivenciando a autoanálise, a representação de papéis e a exploração ocupacional, que já se iniciaram no momento escolar, para depois serem vividas no trabalho, nos primeiros anos de carreira.

A terceira questão, que trata da atuação profissional, recebeu 253 respostas. Desses alunos, 127 (50,2%) não trabalham em área afim ao curso superior tecnológico que vêm frequentando; 126 (49,8%) trabalham. Percebe-se, assim, que praticamente metade dos sujeitos já vive uma experiência profissional semelhante à da área do curso escolhido. Chama a atenção, nesse quesito, o fato de 56,5% dos estudantes de informática atuarem em áreas compatíveis com seus cursos (considerados os cursos de Análise de Sistemas e Tecnologia da Informação e de Tecnologia em Redes de Computadores), dando-se o mesmo com 52,2% dos estudantes de Logística e Transportes. Esse contato prático pode ter favorecido o processo de escolha ou pode ainda vir a ajudar a pessoa a encontrar as razões de uma permanência na área ou de futura mudança [cf. 2, 3].

Em relação à quarta questão, dos 253 sujeitos que a responderam, 124 (49,6%) disseram já ter uma formação técnica ou superior anterior, enquanto 126 (50,4%) não fizeram outros cursos e 3 pessoas não responderam à questão. Quase metade desses sujeitos, portanto, já enfrentaram anteriormente a questão da escolha da profissão.

As duas últimas questões, que tratam dos motivos da escolha do curso atual e das satisfações esperadas com a profissão, oferecem os dados mais relevantes a respeito das razões da opção profissional e das expectativas relacionadas ao caminho iniciado, permitindo, assim, uma melhor avaliação da maturidade vocacional. Todos os 329 sujeitos da pesquisa responderam a essas questões; muitos dos estudantes declararam mais de um motivo ou satisfação.

Os motivos alegados foram classificados, segundo a ênfase, em: aspectos socioeconômicos gerais; aspectos profissionais; questões de foro íntimo; atributos do curso; acessibilidade do curso; formação recebida anteriormente. Apenas uma pessoa declarou desconhecer os motivos que a levaram ao curso.

Os motivos mais apontados foram a questão da empregabilidade (119 declarações), o interesse pela área (56) e a coincidência do curso com a área de atuação atual (47). As respostas mais frequentes sublinham a grande influência do condicionamento socioeconômico, o que é reforçado pelo quarto motivo mais mencionado, que diz respeito à gratuidade de uma parte dos cursos (39 declarações).

Na sexta e última questão, que trata das satisfações esperadas da profissão, as maiores ênfases recaíram sobre as seguintes categorias: a provisão de necessidades gerais; a carreira profissional; a resposta a interesses íntimos; a contribuição social. Dos 329 estudantes, 9 não responderam à questão e uma pessoa declarou desconhecer a satisfação desejada. Aqui, mais uma vez, destacou-se o fator socioeconômico, com o desejo de obtenção de estabilidade financeira, de boa remuneração e de garantias de emprego. Porém, é preciso destacar também um bom número de indivíduos preocupados com o bom exercício da profissão, em obter realização pessoal, ascensão, qualificação e reconhecimento profissional.

Discussão

A discussão dos resultados organizou-se em torno de quatro tópicos: as implicações das diferenças sexuais, as implicações da idade, os diferentes níveis de encaminhamento vocacional e o autoconceito.

Nos estudos vocacionais, a *diferença de sexo* ainda é um dado pouco explorado. Holland [4] já lamentava o fato de seus dados terem sido coletados, na maioria das vezes, entre sujeitos do sexo masculino; alguns estudiosos que revisaram seus estudos, como Fitzgerald e Betz [apud 8], perceberam que algumas atividades eram mais procuradas por homens, como as científicas, as técnicas e as mecânicas, enquanto outras, como as sociais, as artísticas e as de escritório, tendiam a ser preferidas por mulheres. Para Super [3], as diferenças sexuais podem ser medidas como qualquer outra característica, o que permitiria até mesmo estabelecer uma escala de masculinidade e feminilidade dos interesses.

Partindo da constatação de que em alguns cursos tecnológicos representados na pesquisa há destacada predominância de um dos sexos, optou-se pela análise das minorias discrepantes, para verificar a possibilidade de um deslocamento vocacional. Assim, em Secretariado, num total de 38 alunos, apenas 3 são do sexo masculino (7,9%); em Tecnologia em Redes de Computadores, dos 44 estudantes, 2 são mulheres (4,5%); em Análise de Sistemas e Tecnologia da Informação, 9 (22%) dos 41 alunos são do sexo feminino.

Analisando o restante das respostas dessa minoria, percebe-se que, dos 14 sujeitos, 11 não atuam na área e apenas 4 têm formação anterior afim. Nos 11 casos sem experiência anterior, os motivos apresentados para a escolha do curso são: emprego (4); aquisição de habilidades e interesse pela área (2); acesso, bom conceito da instituição, conhecimento de nova área e o desejo de pagar meia-entrada no cinema (*sic*). Vários desses motivos podem ser indício de falta de implicação de interesses e valores do sujeito na escolha: a expectativa de emprego, que pode ser ilusória, em quem nunca atuou na área; a facilidade de acesso ao curso, representativa de oportunidade, mas não necessariamente de interesse; o bom conceito da instituição, que nada revela das características da profissão a que o curso conduz.

As satisfações esperadas não alteram esse quadro nos 11 casos focados. As respostas dos 14 sujeitos aparentemente deslocados no que diz respeito à hegemonia do sexo oposto em seus cursos permitiram avaliar que em pelo menos metade dos casos o deslocamento tende a ser efetivo, em razão de fatores como falta de experiência na área e motivos e expectativas pouco adequados ou fragilizados no contexto.

Já a análise do quesito *idade* teve como foco a maioria dos estudantes, na faixa etária dos 17 aos 25 anos. A esse universo foi aplicado novo recorte, trabalhando apenas com os motivos e satisfações declarados por estudantes sem experiência de trabalho na área nem formação anterior afim. De fato, para os sujeitos mais jovens da pesquisa, a ausência de um espaço de comparação como o que é oferecido pela formação anterior e/ou pelo trabalho pode ser determinante no que diz respeito ao amadurecimento vocacional; para os demais sujeitos, interesses e valores não tão correspondentes à carreira iniciada confrontam-se, no próprio ambiente, com outros interesses e valores que tenderão a levá-los mais rapidamente à reflexão.

De modo geral, nas escolhas dos alunos da faixa de 17 a 25 anos que não possuem experiência na área nem formação prévia afim, tiveram um peso

importante os condicionamentos socioeconômicos e de oportunidade de acesso. O prevaecimento dessas condições, de modo especial, no curso de Logística, pode dever-se ao fato de essa profissão, em expansão, ser relativamente menos conhecida. Em oposição, quase metade dos jovens que pretendem a carreira oferecida pelo curso de Análise de Sistemas e Tecnologia da Informação apresentaram motivações mais ligadas ao exercício específico da profissão; a larga convivência dessa geração com a informática é provavelmente o fator que determina essa coincidência entre preferências pessoais e características da profissão escolhida. Já o fato de os alunos mais jovens do curso de Tecnologia em Gestão Ambiental apresentarem como motivos de escolha do curso itens mais relacionados à carreira pretendida permite enxergar forte influência dos esforços recentes de conscientização ecológica, unida ao idealismo que é próprio da idade e que pode ou não transformar-se em firme convicção.

O terceiro tópico de discussão dos dados diz respeito aos *diferentes níveis de encaminhamento vocacional*. Na pesquisa, optou-se pela ideia de encaminhamento (no sentido de engajamento num caminho vocacional), e não de maturidade propriamente dita, pelo fato de a natureza dos instrumentos de coleta e análise de dados, que não são testes vocacionais aplicados individualmente, não permitir um diagnóstico justo de amadurecimento.

Os motivos mais ligados a aspectos socioeconômicos gerais e à acessibilidade do curso, bem como as satisfações identificadas com a provisão de necessidades gerais, relacionam-se com as necessidades básicas, dando, por isso, muita informação a respeito dos condicionamentos socioeconômicos, mas pouca ou nenhuma sobre os interesses e os valores dos sujeitos que lhes tornam mais atraentes ou adequados certos tipos de ocupação e de carreira. São indícios melhores os motivos que enfatizam aspectos de foro íntimo e formação anterior, e boa parte dos motivos relacionados a aspectos profissionais e a atributos do curso; no caso das satisfações esperadas, as que enfatizam interesses íntimos e a contribuição social dão melhores pistas, seguidas por parte das declarações relativas à carreira profissional.

Com base nesses critérios, os 329 sujeitos da pesquisa foram classificados em três ordens de encaminhamento vocacional: baixo, caracterizado pela exclusividade ou preponderância de motivos e satisfações mais relacionados às necessidades básicas e pela ausência de experiência na área e/ou formação anterior afim; médio, em que também há predomínio de motivos e satisfações ligados às necessidades básicas, mas em sujeitos que possuem experiência profissional e/ou formação anterior afim, que dão a entender que procuraram o curso atual para aprofundar um caminho já iniciado; alto, quando há a preponderância de motivos e satisfações que dão ideia da relação entre o conjunto de necessidades, interesses e valores dos sujeitos e a profissão pretendida. A seguir, são apresentados alguns exemplos para cada uma dessas classificações.

a) Em alguns dos casos identificados como de *baixo encaminhamento vocacional*, aparecem situações de evidente *descompasso entre os motivos e a satisfação esperada*:

[motivos] Desconheço.
[satisfação] Todas; atuo na área há dois anos.

[motivos] Estar na [nome da instituição].
[satisfação] Ser bom profissional e ficar rico, rodeado de mulher.

Outros exemplificam um *desacordo entre o momento vocacional e a idade*:

[faixa etária] 26 a 35 anos.

[atuação na área] Não.

[formação anterior] Não.

[motivos] Afinidade com tecnologia e curiosidade.

[satisfação] Obter conhecimento e um bom emprego.

Alguns alunos *procuram o diploma para concorrer a cargos públicos*:

[motivos] Rápido, público e próximo de casa.

[satisfação] Satisfação profissional e certificado para prestar concursos.

Denota-se em vários casos uma *falta de compromisso com a profissão*:

[motivos] Escolhi por curiosidade.

[satisfação] Espero obter o máximo de conhecimento possível, ainda que eu não consiga atuar na área.

Por fim, nessa categoria encontram-se também exemplos de *mudança de perspectiva ante a insatisfação das expectativas iniciais*, como nestes dois casos:

[satisfação] De início eu esperava entrar no mercado com melhores chances. Agora eu espero me preparar, para talvez me tornar uma professora, mas só o fato de poder estudar em uma boa faculdade já me dá muita satisfação.

[satisfação] Bom, por dificuldades em algumas matérias me desmotivei, não sinto paixão pelo curso e isso tem me frustrado. Não sei mais o que esperar do curso.

b) Nas ocorrências classificadas como de *médio encaminhamento vocacional*, é possível perceber às vezes a existência de um *caminho confuso ou tortuoso*, como o deste estudante de Logística:

[motivos] 1) Inaptidão com exatas — fiz apenas o primeiro semestre de Tecnologia em Construção Civil: Edifícios. 2) Não conseguir misturar hobby/prazer com profissional/dever — parei o curso de Arquitetura e Urbanismo. 3) Ter feito curso técnico em Administração. 4) Trabalhar na área.

Aparecem também nesta categoria casos de *expectativa desproporcional ao caminho tomado*, manifesta nestes dois exemplos, um de expectativa exagerada, outro de expectativa contida demais:

[satisfação] Poder dar aula sobre a matéria e conseguir ficar rico!

[satisfação] Se conseguir uma colocação nesta área, já é motivo de satisfação.

Às vezes o maior motivo de escolha de um curso é a *confiança na qualidade da instituição*:

[motivos] Logística é uma área muito recente e por isso de grandes oportunidades. Então, optar por uma faculdade nessa área pode resultar em “sucesso profissional”. Devemos considerar também que a [nome da instituição], além de ser gratuita, pertence ao [nome da instituição], que tem tradição no ensino técnico e superior.

A *capacidade de projeção* pode constituir-se numa ajuda rumo a um nível mais elevado de encaminhamento:

[motivos] Pensei muito ao escolher um curso que ao mesmo tempo fosse interessante e que me desse um retorno financeiro muito bom. [...] Me imaginei — fiquei me imaginando — trabalhando na área... Até que acabei escolhendo o curso.

c) Entre os casos de *alto encaminhamento vocacional*, destacam-se as experiências em que as *restrições são vividas como oportunidades*:

[motivos] O principal motivo foi porque passei na [nome da instituição]; das três faculdades públicas que tentei foi a única em que consegui passar. Mas o curso de Logística tem muito em comum com o curso que quero fazer, que é Engenharia de Produção, que acredito que irá me ajudar futuramente.

Muitas vezes, fica claro que a *certificação é o arremate de um caminho vocacional*:

[motivos] O primeiro motivo foi o de já atuar na área. Em segundo lugar, por sempre ter gostado de organização e também de transportes em geral. E, para confirmar a escolha, fiz um curso técnico em Logística Empresarial.

[satisfação] ...hoje eu busco conhecimento, eu tento correr atrás do tempo perdido, e dessa forma incentivar meus filhos a buscarem conhecimento, cultura e educação.

A *busca consciente da identidade profissional* é um dos indícios mais relevantes de adequado encaminhamento vocacional:

[motivos] Acredito que desde a minha tenra idade havia em mim certa vocação a gostar de transportes. Em quase todos os empregos em que já trabalhei, havia sempre alguma coisa a ver com logística. [...]

[satisfação] ...posso estar executando uma função/trabalho que torna-me agradável e de fácil adaptação, pois, devido minha vocação, posso gostar muito de trabalhar e desempenhar eficientemente minhas atribuições.

Experiências caracterizadas por uma *combinação de valores*, como a destes dois exemplos, denotam uma adesão a oportunidades bem fundamentada:

[satisfação] Continuar na área que eu gosto, tenho prazer em trabalhar e também realização pessoal, com um salário melhor e poder dar mais conforto à minha filha.

[satisfação] Em primeiro lugar a satisfação pessoal: depois de algum tempo desempregada, afeta até a autoestima [...].

O quarto e último tópico de discussão dos dados levantados na pesquisa diz respeito ao *autoconceito*, questão considerada fundamental para o estabelecimento de carreira [cf. 2, 3]. Os exemplos destacados abaixo são alguns dos mais representativos de maturidade e imaturidade na interpretação dos dados da realidade que define a compreensão que os indivíduos têm de si mesmos.

a) Há indícios para considerar *imaturado* o autoconceito deste estudante de Secretariado, a partir das respostas dadas ao questionário:

[faixa etária] 17 a 25 anos.

[atuação na área] Não. [Mas declara atuar como gerente administrativo]

[formação anterior] Não.

[motivos] Preço e achei que era outra coisa.

[satisfação] Ainda não sei.

De fato, é uma contradição clara que alguém que trabalha como gerente desconheça as atribuições da profissão de secretária. Nesse sentido, o cargo administrativo declarado pode significar a gerência de um pequeno negócio, até mesmo familiar. Mesmo assim, o manual para o vestibular da instituição frequentada é suficientemente claro ao descrever as características da profissão para não permitir enganos ao menos no que diz respeito a ocupações mais tradicionais, como é o caso desta. Por trás dessa dificuldade de interpretação pode até se ocultar uma formação básica muito fraca, realidade que é compartilhada por não poucos universitários. Contudo, o elemento mais revelador de um autoconceito fragilizado é a resposta à questão sobre a satisfação esperada. Entre as razões para essa postura podem estar o desânimo diante de uma situação frustrante, a resignação perante condicionamentos que o indivíduo não vê como superar, o medo de dar um passo mais decisivo: seja o que for, a pessoa mostra-se incapaz de ao menos projetar uma saída, o que é altamente significativo da baixa qualidade da consideração de si mesma nesse momento.

Outro exemplo bastante indicativo de imaturidade do autoconceito é o desta estudante de Análise de Sistemas e Tecnologia da Informação:

[sexo] Feminino.

[faixa etária] 26 a 35 anos.

[atuação na área] Não.

[formação anterior] Não.

[motivos] Pagar meia-entrada no cinema.

[satisfação] Quero ser atriz.

Num caso como esse, podem ser identificados vários fatores de baixo encaminhamento vocacional: a expectativa não condiz com a realidade da profissão; não são declarados motivos que sustentem a hipótese de a profissão ser apenas um meio para atingir um objetivo diferente; não há experiência de trabalho na área nem formação afim anterior; a idade não é a mais apropriada para a exploração de carreira, principalmente sem indícios de tentativas anteriores; o sexo representa minoria no curso escolhido. De tudo isso é possível concluir por uma imagem de si mesma muito desconectada da realidade, ou, invertendo o ponto de vista, por uma imagem da realidade muito distorcida. No mínimo, um descompasso entre o autoconceito e o caminho vocacional.

b) No polo oposto, o do autoconceito *maduro*, este caso se destaca pela confiança para enfrentar aquilo que a experiência de trabalho vier a propor:

[motivos] Os desafios diários que a área proporciona, a cada dia você aprende coisas novas, novos problemas e soluções para os mesmos e porque não gosto de programação. Infraestrutura você toca o equipamento, faz a manutenção necessária, etc.

[satisfação] Ser um profissional que todos me admirem e tenham respeito. Chamar a responsabilidade quando ninguém souber o que fazer. [...]

Esse estudante ainda não trabalha na área, mas, pelo conhecimento que tem das características da profissão, projeta desafios e problemas diários e se dispõe a enfrentá-los inclusive como protagonista: “Chamar a responsabilidade quando ninguém souber o que fazer”. Embora a juventude possa explicar essa audácia, não pode ser ignorado o fato de esse indivíduo ter em mãos desde já um

diagnóstico de sua deficiência (“não gosto de programação”) e de seu ponto forte (“infraestrutura” física); é mais do que muitos outros casos encontrados na pesquisa, que demonstravam, pelo silêncio ou até manifestamente, seu desconhecimento das características da profissão e do que os habilitava a exercê-la.

Para terminar, um caso raro, até pela faixa etária, de concepção pronta da imagem profissional:

[faixa etária] 17 a 25 anos.

[atuação na área] Não.

[formação anterior] Não.

[motivos] Qualificação profissional e humana.

[satisfação] Trabalhar dentro da minha futura área de pesquisa.

Em alguém jovem, sem experiência de trabalho na área e sem formação prévia, surpreende um projeto tão claro. É possível que seja um caso de amadurecimento do autoconceito ainda nos estágios iniciais da vida-carreira, marcados pela admiração por exemplos vistos no ambiente escolar e/ou da família. Seja como for, ao indicar como motivos de escolha do curso a “qualificação profissional e humana”, esse sujeito da pesquisa se distancia dos condicionamentos e parece dar à preparação e ao exercício da profissão a que se candidata uma consideração bastante elevada.

Conclusões

Não cabe a uma pesquisa das características da aqui sintetizada elaborar um diagnóstico de indivíduos e ambientes enfatizando atitudes positivas e negativas, mas, sim, ressaltar virtudes e sinalizar tendências inquietantes que, não devidamente enfrentadas, podem afastar de uma adequação mais frutuosa entre as expectativas e os dados da realidade.

Se os condicionamentos socioeconômicos e os fatores relacionados ao acesso aos cursos dão indicações pouco claras ou, às vezes, até negativas sobre o nível de encaminhamento vocacional, esses fatores têm um peso majoritário em muitos casos, e nunca podem ser ignorados. Do contrário, a avaliação de baixo encaminhamento vocacional poderia levar a crer que os futuros tecnólogos, pressionados já por esses fatores, teriam ainda de lidar com uma condenação a um destino de eterna incompatibilidade com o trabalho. Mas não é assim; nem existem condicionamentos absolutos. Diante de obstáculos de caráter inevitável, há sempre a possibilidade de prevalecerem os chamados valores de atitude [cf. 6], última instância de preservação da liberdade individual.

O tecnólogo, sujeito deste trabalho, enfrenta sem dúvida um desafio particular no que diz respeito à maturidade vocacional. Sua profissão é ainda hoje objeto de preconceito, na medida em que parte da sociedade considera sua formação e espaço de atuação inferiores aos das profissões adquiridas mediante bacharelados tradicionais. Sua atividade tende a ser confundida com a do técnico, concepção que algumas vezes tem consequências nocivas no próprio ensino tecnológico. A íntima ligação desse tipo de carreira com as demandas atuais do mercado produtivo e de serviços, se pode ser vista como garantia de emprego, leva também muitas vezes os postulantes a uma vaga nas faculdades de tecnologia públicas e privadas a ter a atenção menos voltada para as

características específicas de uma profissão tecnológica.

Nesse contexto, é possível crer que a atenção ao tema da maturidade vocacional possa contribuir de alguma forma não apenas para o encaminhamento cada vez mais consciente e frutuoso das carreiras tecnológicas individualmente falando, mas também para o amadurecimento da própria formação em tecnologia.

Referências

- [1] Cordas, V. F. C. (2010), *Maturidade vocacional e formação tecnológica: o futuro tecnólogo e suas escolhas*, Dissertação de Mestrado, Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, São Paulo, 111p., jun.
- [2] Super, D. E., Bohn Jr., M. J. (1980), *Psicologia ocupacional*, trad. Esdras do Nascimento e Jair Ferreira dos Santos, São Paulo: Atlas.
- [3] Super, D. E. (1967), *Psicologia de los intereses y las vocaciones*, trad. Iris Ucha de Davie, Biblioteca de Psicología Contemporánea, Buenos Aires: Kapelusz.
- [4] Holland, J. L. (1975), *Técnica de la elección vocacional. Tipos de personalidad y modelos ambientales*, trad. Federico Patán López, 2. reimpr., México: Trillas.
- [5] Erikson, E. H. (1976), *Infância e sociedade*, trad. Gildásio Amado, 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar.
- [6] Frankl, V. E. (1989a), *Psicoterapia e sentido da vida. Fundamentos da Logoterapia e análise existencial*, trad. Alípio Maia de Castro, 3. ed., São Paulo: Quadrante.
- [7] Frankl, V. E. (1989b), *Um sentido para a vida. Psicoterapia e humanismo*, trad. Victor Hugo Silveira Lapenta, Aparecida, SP: Santuário.
- [8] Magalhães, M. O. (2005), *Personalidades vocacionais e desenvolvimento na vida adulta: generatividade e carreira profissional*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 283p., Porto Alegre.

Contato

Vilma Fernandes Capela Cordas é licenciada em Psicologia pela Universidade São Marcos, especialista concursada em Psicologia Escolar/Educacional e mestre em Tecnologia pelo Programa de Mestrado do Centro Paula Souza. Endereço: Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 733, apto. 506 A2, Bela Vista, São Paulo/SP, 01317-001. Telefones: (11) 3104-3668 (res.) e (11) 9124-6046 (cel.). E-mail: vfccordas@terra.com.br.

A Prof.^a Dr.^a Helena Gemignani Peterossi é diretora e membro do corpo docente do Programa de Mestrado do Centro Paula Souza e foi orientadora da pesquisa de Mestrado que o presente artigo sintetiza.